

Zero [Follow](#)

Jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFSC

Oct 6 · 7 min read



Ingrid está sentada em um banco, com as mãos na cabeça do cão-guia King, que está sentado a sua frente. No fundo da foto, está o Templo Ecumênico da UFSC. (Foto: Ana Carolina Prieto/Zero)

Cães-guias aumentam qualidade de vida

Centro de formação implantado no IFC e ONG Helen Keller tornam SC referência em treinamento dos animais

Por Ana Carolina Prieto e Tamy Dassoler

Ingrid Medina pode caminhar com tranquilidade pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e desviar de obstáculos sem enxergá-los, por conta da parceria estabelecida há um ano com King. A estudante de Serviço Social é uma das 150 pessoas no Brasil que são acompanhadas de cão-guia, segundo estimativa feita pelos institutos

treinadores, e a única na universidade. A dificuldade para conseguir um cão-guia ocorre, principalmente, devido ao preço: treinar um único animal pode custar até R\$ 50 mil durante os dois anos de preparação.

As pessoas que veem Ingrid e King não imaginam que a estudante conseguiu o acompanhante de forma gratuita. O Plano Nacional Viver sem Limites, elaborado pelo governo federal em 2011, tem como objetivo aumentar o número de cães-guias no Brasil, além de formar novos treinadores. Sete Institutos Federais foram selecionados para abrigar os centros de formação. O Instituto Federal Catarinense (IFC) foi o primeiro a ser inaugurado e, além de disponibilizar cães-guias gratuitamente, oferece uma pós-graduação em instrução desses animais. Por ser um projeto piloto, a prioridade foi dada aos candidatos que morassem em Santa Catarina. Assim, Ingrid pôde se inscrever em 2014 e, no ano seguinte, começar os treinamentos com King.

Santa Catarina também conta com outra instituição importante na formação de cães-guias. A escola Helen Keller, em Balneário Camboriú, consegue treinar aproximadamente seis animais por ano. Para se manter, a ONG conta com doações de voluntários e parcerias com empresas. O instrutor Fabiano Pereira explica que o processo começa com os pais dos filhotes, que são selecionados a partir de uma predisposição para serem cães-guias. Os animais precisam ser dóceis e, por isso, as raças mais escolhidas são Coated Retrievers, Labradores e Golden Retrievers.

Após o nascimento dos filhotes, são feitos testes de aptidão e os escolhidos são encaminhados para a casa de voluntários, que cuidam dos animais até os 15 meses. Durante essa etapa, o cão-guia passeia por shoppings, parques, mercados e ônibus a fim de se familiarizar com os caminhos percorridos pelas pessoas diariamente. Em seguida, retorna para a instituição e passa de quatro a seis meses em treinamento. Pereira ressalta que os cães são preparados para evitar obstáculos, transitar na rua e saber localizar seus destinos até os dois anos de idade, quando serão entregues às pessoas cegas no processo chamado de adaptação.



(Arte: Daniel Santos/Zero)

Foi nessa etapa que Ingrid conheceu King. A estudante ficou um mês hospedada no IFC para passar pelos processos de reconhecimento do cão, além de andar pelas ruas da cidade acompanhada por ele. Ingrid relata que criaram uma relação de confiança e um vínculo afetivo já na primeira semana. Outra pessoa beneficiada pelo projeto do Instituto foi o noivo dela, Maurício Padilha, que é acompanhado de perto pelo labrador Ian.

Maurício viveu momentos difíceis antes de conseguir o cão-guia. Após desistir da faculdade de psicologia para tentar carreira na área de computação, perdeu duas bolsas estudantis em universidades particulares por falta de acessibilidade. Somado a isso, ficou um ano e meio sem emprego enquanto tentava alugar um apartamento para morar com a noiva. Para Maurício, a chegada de Ian foi a melhor coisa que aconteceu em 2015. Hoje, ele trabalha em uma empresa de tecnologia da informação e a rotina do emprego contribui para estreitar seu relacionamento com o cão.

Os cães são preparados para evitar obstáculos, transitar na rua e localizar seus destinos até os dois anos

Por conta da Lei nº 11.126/2005, os cães-guias podem acompanhar e permanecer com seus donos em locais públicos. Assim, Ian pôde circular livremente pela empresa, além de ajudar os outros funcionários a aliviar a tensão do trabalho. “O Ian não é o mesmo cão de um ano atrás. Nossa relação melhorou muito e todos aqui gostam dele”. Apesar da lei já ter mais de dez anos, Maurício e Ingrid relatam que ainda há lugares que tentam barrar a presença dos animais. O casal, por exemplo, já teve que discutir com taxistas para conseguir embarcar com os seus cães.

Pensando no preconceito e na falta de conhecimento das pessoas, a Coordenadoria de Acessibilidade Estudantil (CAE) da UFSC divulgou um vídeo, a pedido de Ingrid, com as principais informações e dicas de como se portar diante de um cão-guia. A empresa onde Maurício trabalha também adotou uma postura parecida ao divulgar instruções. “Muitas pessoas mexem com eles. Às vezes, temos que reprimir, porque eles não podem perder a concentração”, relata Ingrid.



Maurício está em pé em frente a uma mesa e, ao seu lado, está o cão-guia Ian, sentado. Ao fundo, estão outras mesas, com pessoas sentadas, trabalhando em frente aos computadores. (Foto: Ana Carolina Prieto/Zero)

Bianca de Souza, coordenadora do CAE, explica que o setor possui medidas de inclusão para pessoas com deficiência visual, como é o caso do Ambiente de Acessibilidade Informacional (AAI). Localizado na Biblioteca Universitária, disponibiliza audiodescrição de eventos, textos em braille e *softwares* que fazem a leitura de materiais digitalizados. As pessoas com deficiência visual também podem solicitar o acompanhamento de um bolsista do CAE nos percursos dentro da universidade. A coordenadoria ainda não possui um projeto específico para usuários de cães-guias, já que Ingrid, a primeira estudante da UFSC nesta situação, começou o curso no início deste ano.

A Associação Catarinense para Integração do Cego (ACIC) possui uma parceria com a universidade para ensinar os alunos novos a se locomoverem na UFSC. Para isso, realiza oficinas de orientação e mobilidade nos caminhos mais utilizados pelos estudantes. A ACIC tem 1015 associados, que contam com apoio psicológico, pedagógico e aulas de mobilidade. Maristela Bianchi, gerente técnica da associação, afirma que poucos membros são acompanhados por cão-guia e atribui parte disso ao envolvimento sentimental com os animais.

Um cão-guia só pode trabalhar por cerca de dez anos e, após este período, é aposentado, embora ainda possa continuar com os seus donos como animal de estimação. Anos de convívio, lealdade e amizade, tornam o momento de se afastar do cão um passo difícil para algumas pessoas. Maristela ressalta que os cuidados com um cão-guia podem ser desafiadores, assim como qualquer animal de estimação, e que nem todas as pessoas se sentem preparadas para isso.

No caso dos noivos, Ingrid e Maurício, o convívio com os cães-guias trouxe mudanças importantes em suas vidas. Para Ingrid, a auto-estima e a sociabilidade melhoraram. A estudante conta que, quando usava bengala, muita gente tinha receio de se aproximar e era difícil pedir ajudar para se localizar. Depois que começou a utilizar o cão-guia, Ingrid percebeu que as pessoas tendem a se aproximar para elogiar e falar sobre o cachorro, o que se torna uma oportunidade de conversar e conseguir informações.

Já para Maurício, a principal melhoria foi a mobilidade. Como Ian está sempre do seu lado, até mesmo quando não está com o arreiado de trabalho, sua autonomia para se locomover aumenta. Além disso, ele conta que seu carinho pelos animais cresceu. “Antigamente, eu não via, por exemplo, os cães de rua como eu vejo hoje. Agora, eu tenho uma necessidade de protegê-los muito mais do que antes.”

A expectativa é de que o Brasil aumente o número de cães-guias formados por ano. O projeto Viver sem Limites, por exemplo, já implantou dois centros de treinamento: um no IFC e outro no Instituto Federal do Espírito Santo (Campus Alegre). Segundo dados de junho do Portal Brasil, ainda estão previstas as instalações de cinco centros, localizados nos Institutos Federais de Sergipe, do Amazonas, do Ceará, do Sul de Minas e também no Instituto Federal Goiano. A escola Helen Keller também está com projeto de expansão: depois de inaugurar a nova sede em julho deste ano, a previsão é de que, até 2021, a instituição consiga treinar 30 cães por ano.

#PraCegoVer

Pessoas com deficiência visual navegam na internet por meio de *softwares* que transformam o que está escrito em áudio. No entanto, esta tecnologia não funciona para imagens, fazendo com que normalmente esse público específico não tenha acesso aos conteúdos de charges, fotos ou desenhos.

Para tentar resolver o problema, a professora Patrícia Silva de Jesus, conhecida como Patrícia Braille, criou a campanha #PraCegoVer. O projeto incentiva as pessoas a utilizarem a *hashtag* seguida de uma descrição da imagem, possibilitando que os *softwares* leiam o conteúdo.

Patrícia conta que já utilizava a descrição no seu blog e nos livros em Braille que produzia. Mas, quando começou a fazer isso no Facebook, percebeu que as pessoas não entendiam o propósito. Ela afirma que a motivação para criar a *hashtag* foi “fazer com que ‘enxergassem’ a existência de pessoas com deficiência nas redes sociais”.

A campanha se espalhou e, atualmente, várias páginas no Facebook, como a do Ministério Público Federal, utilizam a descrição de imagem. Pensando nisso, o *Zero* resolveu aderir ao movimento. A partir desta edição, as fotos postadas no Facebook e no Instagram do jornal utilizarão a #PraCegoVer, com objetivo de aumentar a acessibilidade para os leitores.